

foi ulteriormente assaz contrariado pelos esforços guerreiros com que manteve a independencia da patria.

Naquelle tempo as moedas de ouro estrangeiras eram muito escassas e não circulavam nem as de prata, nem as de bolhão da mesma proveniencia, prohibidas por D. Fernando na ordenação de 8 de fevereiro de 1378. As moedas nacionaes de ouro existiam apenas na memoria do povo, ou particularmente arrecadadas; os antigos reaes de prata de 10 dinheiros faltavam; para toda a ordem de transacções no país as moedas de baixo titulo, conhecidas pelas denominações de barbudas, graves e pilartes, corriam de mão em mão, sem que tivessem melhor camaradagem que a dos dinheiros alfonsis, infimos subsidios que, a 180 peças por cada libra, representavam, aproximadamente, o valor das antigas mealhas! E tal foi a situação monetaria do país desde 1383 até 1385.

Depois de ser aclamado rei o intrepido Mestre de Avis, o mal de que enfermava o meio monetario portuguez, depreciado e *febre*, aggravou-se lenta e successivamente, como se infere de analyses chimicas que tem sido feitas nas moedas a que chamaram, impropriamente, *brancas*, as quaes, quebradas até á infima lei de um dinheiro, se arrancam do subsolo para a luz ainda hoje em notaveis quantidades; porem não cabe no intuito d'este artigo historiar as causas e expor os effectos de semelhante depreciação monetaria.

Lisboa, Abril de 1903.

MANOEL JOAQUIM DE CAMPOS.

## A respeito de Conimbriga

(Vid. o *Arch. Port.*, IV, 304)

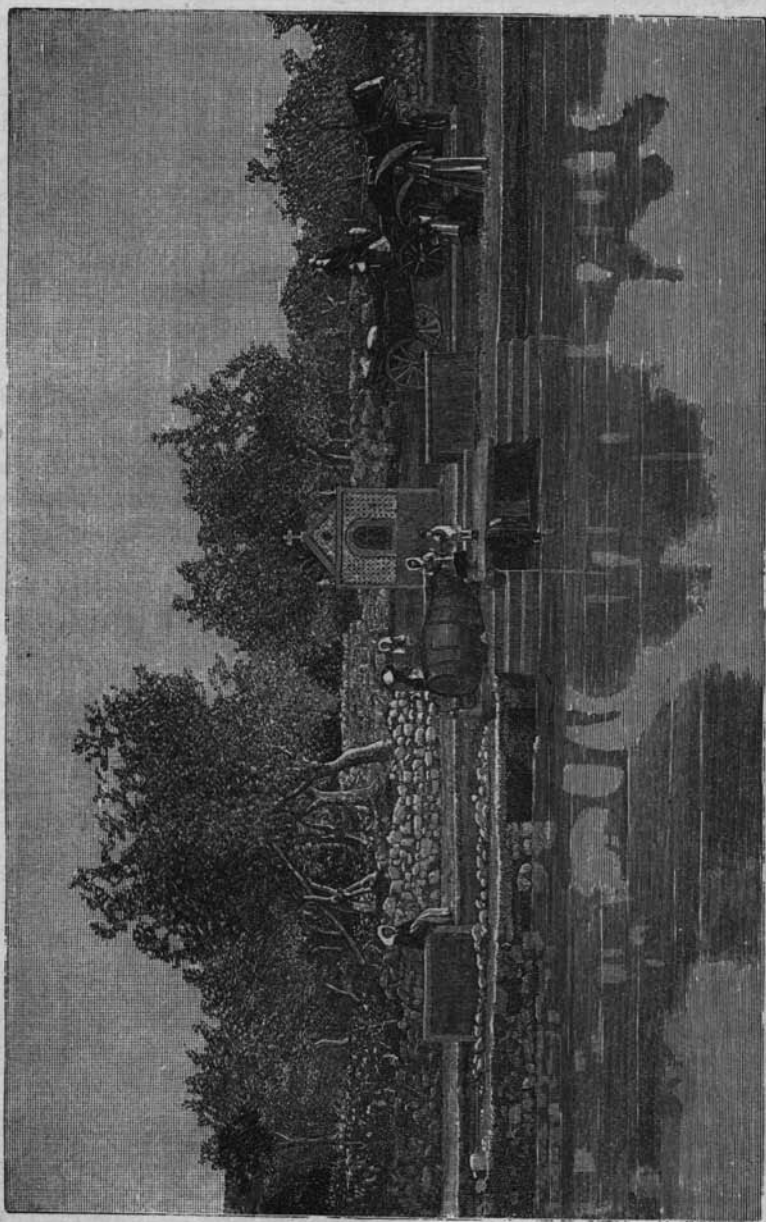
### 5. Alcabideque

A *Alcabideque*, no sec. XII *Alcabdech*, me referi já n-*O Arch. Port.*, IV, 307-308. O que tenho de dizer agora aqui é tambem muito pouco, pois se limita a um extracto dos *Escriptos diversos* de Filipe Simões, Coimbra 1888, p. 26.

Depois de fallar das muralhas romanas de *Conimbriga* ou *Condeixa-a-Velha*, diz aquelle autor:

«A sahida de uma das portas da cidade restam dois enormes viaductos de cantaria que, pela sua longa conservação, mostram a solidez com que foram construidos. Segue-se tambem até Alcabideque na distancia, pouco mais ou menos, de meia-legoa o aqueducto por onde

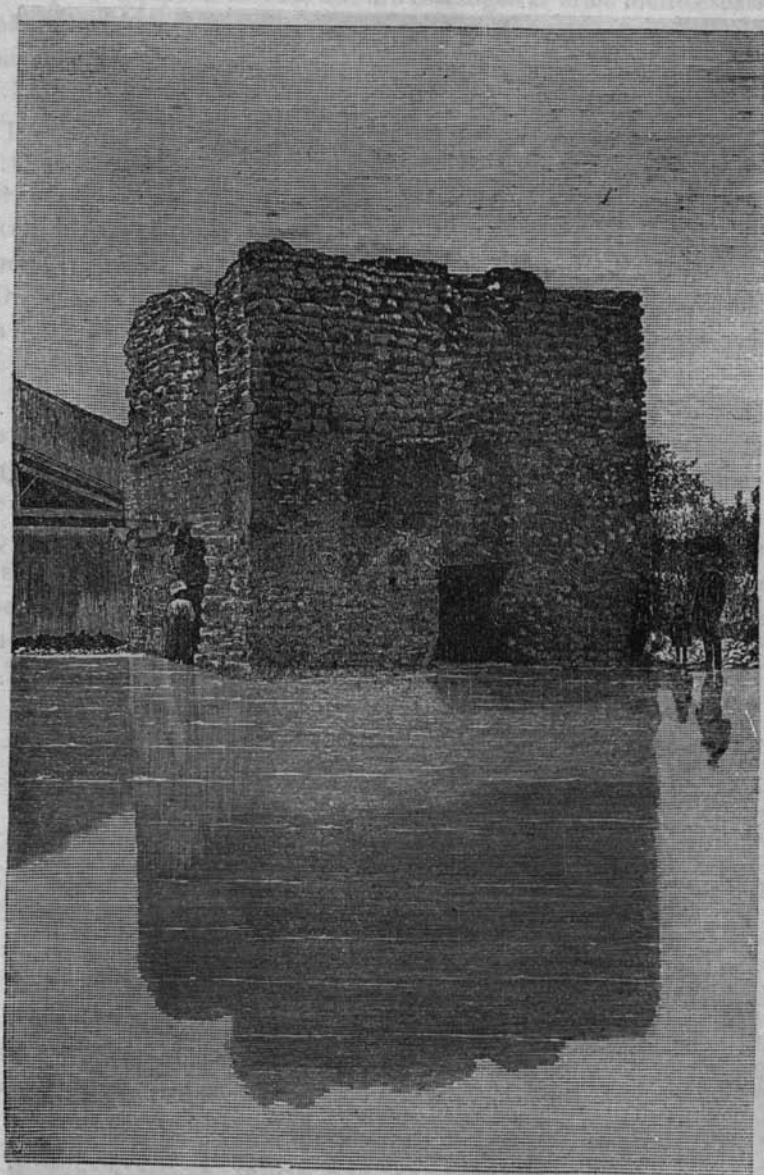
vinha a agoa para a antiga Conimbriga. Junto das fontes do aqueducto, e logo no principio do seu trajecto, conserva-se ainda meio de-



Tanque de Alcabideque

molida uma torre que serviria por certo de habitação a algum empregado ou guarda, encarregado de vigiar ou defender este sitio, ou de

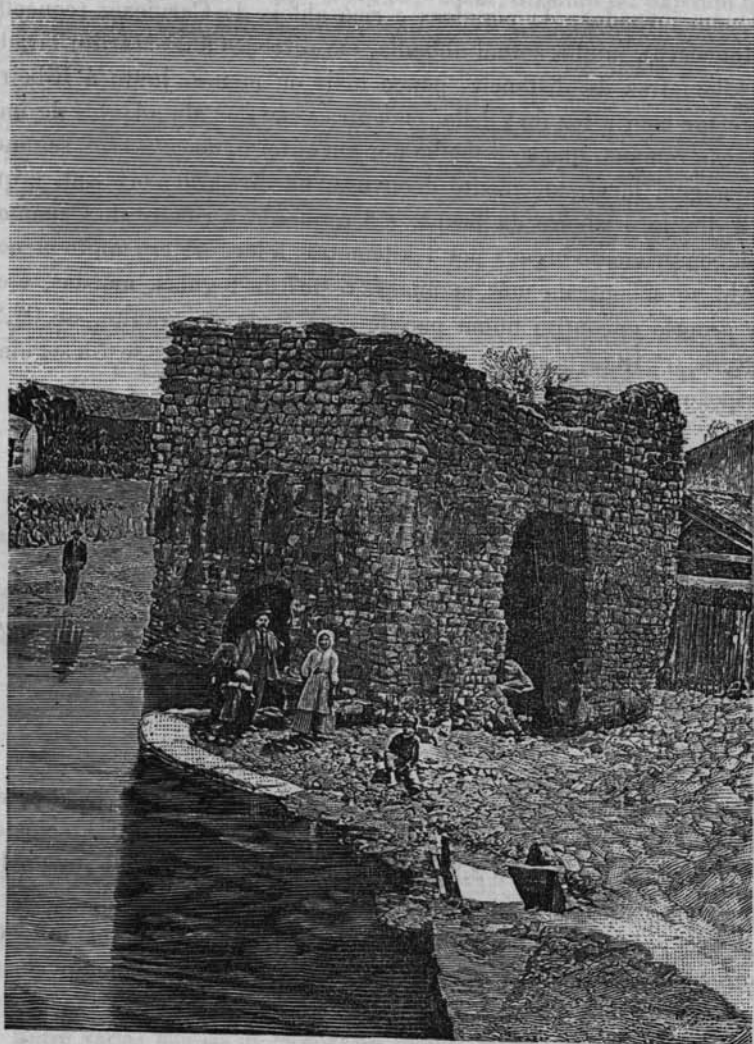
regular ao mesmo tempo a sahida da agoa. Parece que uma grande capa de cimento, da qual restam ainda grandes fragmentos, cobriria,



Torre de Alcabideque (1.ª vista)

á maneira de abobada, a agua no vasto reservatorio em que se ajuntava antes de entrar no aqueducto».

Como illustração do assunto, publico aqui tres gravuras representativas do tanque e torre de Alcabideque<sup>1</sup>; abstenho-me porém de dis-



Torre de Alcabideque (2.<sup>a</sup> vista)

cutir, por falta de elementos para o poder fazer, os problemas que esses monumentos suscitam.

J. L. DE V.

<sup>1</sup> Segundo photographias que me foram emprestadas pelo Sr. Dr. Martins de Carvalho.